

O primeiro dia de aula

No contexto das primeiras impressões, cabê fazer algumas observações sobre a primeira aula ou os primeiros dias de aula. Em geral as primeiras aulas, a introdução que o professor faz, aquilo que ele manifesta a respeito do que espera dos alunos... têm sua relevância, e não devemos improvisá-las.

O que costumamos fazer na primeira aula? Dizemos que a matéria é muito relevante, apresentamos uma visão global do programa, damos as normas oportunas, especificamos nosso modo de avaliação etc. Tudo isso é importante, mas é igualmente importante levar em conta os *aspectos motivacionais*, propiciar uma *boa relação desde o início* etc.

Na primeira aula os alunos estão muito atentos ao que queremos dizer, e essa é uma oportunidade da qual não devemos nos descuidar. Ainda mais. Um bom costume pode ser o de preparar um *esquema* bem pensado

com tudo aquilo que queremos dizer no primeiro dia de aula.

Referi-me antes especialmente às *primeiras impressões negativas* ou à informação prévia que não deixa a classe em boa situação. É verdade que pode haver preconceitos, que a informação prévia pode ser total ou parcialmente incorreta..., mas também é verdade que uma má impressão ou um mau juízo prévio pode estar bem fundado em experiências anteriores.

Sabemos por experiência que nem todos os grupos são iguais; em função de muitas variáveis, podem *coexistir* na sala de aula estilos muito diferentes (de motivação, de conduta, de passividade...). Nesse caso, nosso empenho deve consistir em modificar a situação e partir do modo como os alunos são e não de como gostaríamos que fossem, em vez de deixar que se consolide uma situação negativa para o aprendizado e o bom andamento da classe. Aqui, de novo, as primeiras aulas são de uma importância capital. Não raro podemos *comprometer o curso* nessas primeiras aulas.

1. O que dizer e para que dizer

O que devemos dizer no primeiro dia de aula? O que realmente nos importa que os alunos captem nessa primeira aula?

As duas perguntas podem parecer uma mesma pergunta, mas de fato são duas... Uma coisa é o que dizemos

e outra, diferente, é o que os alunos captam e entendem. É preciso cuidar das *ênfases* e da clareza. Nessa primeira aula, obviamente, falamos da matéria e de sua importância, comentamos o programa e damos a informação e as normas que consideramos oportunas. Mas, além disso, para estabelecer uma *boa relação motivadora*, podemos comunicar aos alunos (com *nosso próprio estilo*, adaptando-nos à idade dos alunos) uma série de idéias que de alguma maneira estão em conexão com comentários feitos sobre as primeiras impressões:

- Que o *êxito de todos* é importante para nós; e que o êxito é possível... (comunicação de *altas expectativas*).
- Que um passado ruim não conta, que não há ninguém predestinado ao fracasso; que *esperamos muito de todos*; o conhecido refrão “ano novo, vida nova” é adequado para ser lembrado no início do curso.
- Que o *fracasso não é indicador de êxito*; que os professores não necessitam de um número determinado de reprovados para passar por professores bons e exigentes...
- Que nossa função como professores consiste em *contribuir para o aprendizado deles*; que temos *papéis diferentes, mas complementares*; que o objetivo último é o mesmo para eles e para nós: que aprendam e possam mostrá-lo...

E podemos dizer *mais coisas* (disponibilidade para consultas...). É importante *verbalizar* essas idéias.

Falar é fácil: ser coerente com o que se diz já é outra questão. Por que esperamos realmente muito de todos? (Sobre as *expectativas* e sua comunicação, trataremos a seguir.) Aqui podemos tropeçar em nossas próprias *crenças*, e este é um tema que nos levaria por outros caminhos.

2. Outras atitudes e observações

A respeito dessas *introduções para a primeira aula*, é oportuno fazer as seguintes observações:

1. É claro que, às vezes, os alunos começam o curso com expectativas de êxito muito baixas: já sabem *por tradição oral* que a matéria é muito difícil, que são muito poucos os que vão bem etc. Sentem-se avaliados e *depreciados* ainda antes de começar o curso. Em tais casos, é útil que o professor torne explícita a situação e a trate abertamente com os alunos; não há por que *fossilizar* climas negativos que apenas reforçam o fracasso. É exatamente nessas circunstâncias que é preciso:
 - Quase *exagerar* em dar normas claras, em explicar e sintetizar *como eles devem estudar essa matéria*.
 - Comunicar expectativas de êxito, animar...
2. Ninguém *transmite com credibilidade* o que não sente. Por isso poderíamos nos examinar, por exemplo, sobre as seguintes questões:

- Se *no fundo* não necessitamos de certa porcentagem de fracassos *para ficar bem*, como professores exigentes...
 - Se realmente não consideramos o fracasso dos alunos, ainda que o de uns poucos, como um fracasso *profissional* próprio, sem que isso signifique que sejamos realmente culpados. De algum modo, o fracasso de nossos alunos é nosso fracasso, no sentido de que desempenhamos uma *ação profissional* (com tudo o que isso representa de tempo, energia etc.) que não atingiu o seu objetivo. (Como um pescador que passa o dia todo no rio sem pegar nenhum peixe... Pode ser que a culpa seja dos peixes, mas ele não pescou e, se esse era o seu objetivo, terá de mudar de isca, de local, ou dedicar-se a outra coisa.)
 - Se acreditamos (porque entramos no terreno das *crenças*) nas possibilidades e na potencialidade de nossos alunos. As atitudes de nossos alunos são importantes, mas também o são as nossas.
3. Essas introduções podem ser um exercício retórico se não equivalem a uma *declaração de intenções* de nossa parte. Se somos coerentes, essa animação do conjunto, essa proclamação de nossa guerra ao fracasso suporá:
 - Ter *objetivos claros* e, além disso, comunicá-los e lembrá-los quando for oportuno, ao menos aqueles requeridos para aprovar. (O aluno tem obrigação de estudar, mas não de *adivinhar*.)

- Dar *normas claras* sobre tudo aquilo que é importante para os alunos.
- Informar *a tempo* sobre erros importantes, quando ainda houver remédio; não utilizar a informação como uma fonte de poder e de controle.
- Manifestar atitudes e *condutas motivadoras*.

A informação sobre erros é muito relevante no âmbito de avaliações e provas; voltaremos a falar sobre essa *informação a tempo* ao tratar da *avaliação formativa*. As *condutas motivadoras* estão relacionadas com a *comunicação de expectativas*, como veremos a seguir.

O primeiro dia de aula é importante para os alunos, mas também deve ser importante para nós. Animamos os alunos, mas também temos de nos animar a assumir os compromissos implícitos (ou explícitos) decorrentes das primeiras orientações do curso.

A relação professor/aluno: O que é, como se faz.
Autor: Pedro Moraes
Ed. Loyola, 1998.